

Por um Brasil Feminista e Antirracista

Somos mulheres indígenas, negras, quilombolas, quebradeiras de coco extrativistas, ribeirinhas, trabalhadoras, artistas, donas de casa, estudantes, acadêmicas, jovens, lésbicas, trans, bis, cis, mais velhas, do campo, das cidades, das periferias, da floresta, desempregadas, com ou sem deficiência/neurodivergente; somos diversas.

E todas, sem distinção, somos vítimas de um sistema racista, patriarcal, capitalista, LGBTfóbico e misógino. Por todos estes fatores estamos determinadas a juntar nossas forças por um Brasil Feminista e Antirracista.

Nos reunimos, nos mobilizamos e nos comprometemos para participar do esforço em restaurar a democracia e reconstruir a soberania do país a partir da perspectiva antirracista, feminista, antineoliberal e decolonial com incidência política.

Vencemos a primeira etapa do obscurantismo no Brasil em eleger LULA e portanto inauguramos um novo ciclo na sociedade brasileira. Juntamente com o presidente Lula, será pela mão das mulheres que (re) construiremos nosso país.

É, portanto, o momento para reconhecer as múltiplas formas do trabalho, redefinir ideias e insistir nas formas de organização comunitária, em que somos desafiadas a encontrar soluções locais para o funcionamento cotidiano e a preservação da vida.

É urgente transversalizar a acessibilidade em todas as temáticas para garantir que todas as mulheres, sejam enxergadas como agentes construtoras de um novo Brasil e um outro mundo possível.

O combate ao racismo e o machismo é um dever de todas, todes e todos! A busca pela igualdade racial e o respeito às diversidades deve permear todo fazer político, já que estes são direitos inalienáveis, ainda que não respeitados infelizmente. Desta forma a mobilização pela igualdade racial e pela equidade de gênero atua em diversos campos para fortalecer as ações políticas, ampliando sua capilaridade e sua efetividade.

Vivemos em um país em que uma família negra perde um filho negro a cada 23 minutos. A cada 23 minutos um jovem negro é morto no Brasil. Vivemos num país onde o índice de suicídio é avassalador referente a juventude indígena a exemplo das aldeias do Alto Solimões AM.

Vivemos num país onde a mulher negra tem travado uma trajetória histórica de violações, resistência e lutas por legitimidade e inclusão social, contribuindo de forma efetiva na construção de uma nação democrática e igualitária. A mulher negra é a mais atingida diante das desigualdades e no acesso às oportunidades dificultando aquilo que se almeja que é a equidade.

A trabalhadora negra está nos maiores índices de trabalho informal e quando empregada recebe a mais baixa remuneração, comparada a outros grupos no país, e predomina nas atividades cujas condições de trabalho são inferiores. Há, portanto, uma hierarquização de poderes, corpos, existências, em que podemos observar uma banalização da vida atrelada a um processo de desumanização das relações sociais e de trabalho. Em decorrência disso, afirmamos que na arena de disputa de poder e das correlações de força, como dito por Elza Soares, “a carne mais barata do mercado é a carne negra”.

Trata-se de uma realidade - consequência das mazelas do racismo - e que produzida socialmente se propõe, infelizmente, a garantir interesses postos na sociedade, sobretudo em virtude da existência de uma dinâmica que requer a obtenção de lucros crescentes no interior do modo de produção capitalista predatório.

São as mulheres negras que, através de sua trajetória, mostram sua garra e, principalmente, através da sua luta reivindicam a necessidade de reconhecimento pelo poder público, de efetivar a igualdade racial através de mecanismos que garantam à população negra e feminina participação nas diversas esferas da vida social.

Ademais, a pandemia de COVID-19 trouxe diversos efeitos nocivos para a humanidade, recaindo pesadamente sobre as mulheres que são 70% das profissionais de saúde no mundo, com exposição direta ao vírus. Estamos vivenciando também, dificuldades no acesso à saúde, o aumento da violência doméstica e sua subnotificação e a perda de renda da classe trabalhadora.

O isolamento social também escancarou a desigual economia do cuidado, em que a responsabilidade e sobrecarga do trabalho doméstico e dos cuidados com doentes, crianças e idosos são das mulheres.

Apesar da manutenção dos padrões de desigualdade que hierarquizam os gêneros, promovem a violência, mantém a disparidade salarial, há uma crescente presença feminina nas lutas políticas e sociais. Formas inovadoras de organização, jovens despertando cada vez mais cedo para a luta feminista, para onde levam aportes que

são frutos de seu processo de socialização e de novas aquisições políticas e teóricas dos feminismos. Trazem uma visão política que propõem soluções e alternativas baseadas no compartilhamento de saberes e soluções.

As forças democráticas brasileiras elegeram Lula, que subiu a rampa nos braços do povo brasileiro.

Acreditamos na retomada da cultura de participação e formação de um país com democracia, justiça social, salário igual para trabalho igual, com direitos e oportunidades para todas, todes e todos. Portanto um Brasil Feminista e Antirracista!

Nós buscamos uma gestão participativa, intersetorial das políticas públicas para as mulheres, que entrelace todas as outras políticas do poder público e, também, se articule com a sociedade civil organizada, de forma que os diferentes setores dialoguem.

Ressaltamos que buscamos um Brasil livre do machismo, do racismo, da LGBTfobia, do capacitismo e de qualquer forma de opressão, violência e discriminação, onde as mulheres se sintam protagonistas e tenham uma vida digna.

O Estado, através das políticas sociais, pode acelerar ou diminuir a desigualdade de gênero. Bem como a pressão dos movimentos sociais organizados tensionam esse mesmo Estado a construir alternativas e políticas públicas para a melhoria de vida de diversos segmentos da população. Símbolo disso, são as lutas dos movimentos feministas que vem pautando sistematicamente a intersecção entre raça, gênero e classe como processos interligados, fundantes e mantenedores do capitalismo brasileiro.

Tentam dizer que quem ousa sonhar e lutar não terá vez, executam Marielle, agridem e matam nossas mulheres. Aqui matam mais pessoas trans do que qualquer outro lugar no mundo e exterminam milhares de jovens negros que não tiveram acesso às políticas sociais. Por isso é preciso resistir, produzir, estudar e lutar.

Essa realidade traz a todas/os nós reflexões importantes sobre o papel das mulheres na construção de um Brasil mais justo, mais soberano, democrático e... feminista.

Como diz a canção: “É preciso estarmos unidas, atentas e fortes”!

Precisamos construir uma grande aliança com o povo para fazermos a roda do governo girar e exigirmos nossos direitos, nos mobilizando em cima das nossas principais e históricas bandeiras de lutas, construindo uma agenda unificada e organizada.

Fundamental registrar nossa profunda preocupação e solidariedade para Francia Márquez Vice Presidenta da Colômbia assim como para Cristina Kirchner Vice Presidenta da Argentina ambas sofreram atentados a sua vida exatamente por participarem de espaços de poder e decisões na política de seus países.

Queremos também estender nossos registros de denúncias, preocupações e solidariedades aos povos Yanomami, a Palestina e ao Continente Africano.

E reinterar nossa luta ...

Terminar com a fala da Ministra Marina Silva...